

# O psicólogo empírico como Linneu da psique: apontamentos sobre a crítica hegeliana à psicologia empírica

Luca Corti

Universität Bonn

**ABSTRACT:** In this paper, I inquire into Hegel's criticism of empirical psychology and the model of mind the discipline puts forth. In order to do so, I underscore the connections between what Hegel considers the methodology of empirical psychology and the methodology he sees at work in the taxonomy of Carl Linnaeus. The paper proceeds as follows: (1) I first survey Hegel's position on empirical psychology, then (2) focus on the *method* that Hegel attributes to the discipline. (3) I locate this critique within the larger scope of Hegel's criticism of "observation" as a scientific method; in particular, I focus on Hegel's criticism of Linnaeus' taxonomy. (4) I show the parallels between Hegel's accounts of the two domains, using his remarks on Linnaeus to shed light on empirical psychology. (5) Finally, I offer some concluding remarks on the peculiar role played by the notion of *Gedächtnis* within this context.

**KEYWORDS:** Hegel, Empirical Psychology, Mind, Linnaeus, Observation, *Phenomenology*.

## Introdução

Na primeira metade do século XIX, a psicologia empírica representava um dos paradigmas dominantes para o estudo da alma, e também para a compreensão daqueles que hoje chamaríamos os aspectos "cognitivos" ou "mentais" da subjetividade individual.<sup>1</sup> Hegel encontra tal disciplina muito cedo em seu percurso de estudos – em parte já no liceu, depois nos anos de Tübingen – instaurando com ela um confronto que durará por toda a sua carreira.

Como é sabido, ele não deixa de discutir por diversas vezes tanto os pressupostos

---

\* Artigo recebido em data 21/05/2016 e aprovado em data 18/06/2016.

\*\* Artigo traduzido pelo Prof. José Eduardo Marques Baioni (UFSCar).

<sup>1</sup> Uma visão panorâmica atenta da situação na época é fornecida por ECKARDT, G., JOHN, M., VON ZANTWIJK, T., ZICHE, P. **Anthropologie und empirische Psychologie um 1800. Die Wissenschaft vom Menschen zwischen Physiologie und Philosophie.** Köln: Böhlau Verlag, 2001; para uma colocação da disciplina no sistema das ciências por volta de 1800, cf. JOHN, M. 'Empirische Psychologie' im System der Wissenschaften um 1800. **Psychologie und Geschichte**, n. 10-3/4, 2002, pp. 166-177.



metodológicos, quanto o tipo de perspectiva sobre a alma oferecida pela *empirische Psychologie*. Ele o faz já na *Relação do ceticismo com a filosofia*, prosseguindo depois na *Fenomenologia do espírito* até chegar ao texto enciclopédico, fornecendo-nos uma perspectiva sobre o tema que os intérpretes não deixaram de analisar.<sup>2</sup>

Neste breve artigo, me proponho esclarecer alguns elementos do contexto da análise hegeliana da psicologia empírica, com o objetivo de compreender melhor os seus contornos. As afirmações de Hegel a respeito do tipo de olhar que o psicólogo empírico oferece sobre a alma, de fato, parecem se fazer compreender se postas em relação com as posições hegelianas mais gerais a respeito das abordagens científicas baseadas na noção de “observação”. O *trait d’union* entre a psicologia empírica e outras abordagens teóricas baseadas na noção de *Beobachtung* parece claro na seção dedicada à *Razão observadora* na *Fenomenologia do espírito* (1807), sobre a qual tentarei concentrar-me. Não o farei, porém, demorando-me sobre a parte dedicada à “frenologia” e à “fisiognômica”, mas sobre aquela dedicada à botânica, buscando compreender de que modo as considerações oferecidas por Hegel possam ajudar a compreender a sua posição no âmbito “psicológico”.

Nas próximas páginas procurarei oferecer algumas considerações preliminares em tal direção, procedendo da maneira seguinte:

(1) Iniciarei resumindo o tipo de perspectiva sobre a alma que Hegel atribui à psicologia empírica. (2) Depois, focar-me-ei sobre o ‘método’ que, aos olhos de Hegel, define tal disciplina. Para fazê-lo, estenderei o discurso às considerações que ele nos oferece sobre outras ciências, as quais compartilham com a psicologia empírica (tal como é entendida por Hegel) o primado da “observação”. Em particular, me concentrarei sobre a taxonomia de Linneu. (3) Tentarei mostrar as analogias entre os dois âmbitos e o modo em que a análise hegeliana da botânica pode iluminar a da psicologia empírica. (4) Por fim, oferecerei um breve excurso concernente à noção de *Gedächtnis* e o papel que ela joga neste contexto.

---

<sup>2</sup> NUZZO, A. Anthropology, Geist and the Soul-Body Problem. The systematic Beginning of Hegel’s Philosophy of Spirit.” In: Stern, D. *Essays on Hegel’s Philosophy of Subjective Spirit*. New York: Suny Press, 2013, pp. 19-36; WOLFF, M. *Das Körper-Seele-Problem: Kommentar zu Hegel, Enzyklopädie (1830) § 389*. Frankfurt am Main: Klostermann, 1991; ANZALONE, M. “Alcune riflessioni sulla psicologia di Hegel, *Laboratorio dell’ISPF*, IX, vol. 1/2, 2012, pp. 100-116. O mesmo, aliás, pode dizer-se da outra grande protagonista do debate na época, a psicologia racional.

### *1. Psicologia empírica*

“A ciências experimentais contêm mais metafísica do que julgam”, encontramos escrito nas *Lições sobre a filosofia do espírito* (VPG, p. 138). Esta convicção geral, expressa de maneira particularmente clara nesta passagem, parece assinalar por si só a inteira relação hegeliana com as ciências da natureza, das quais Hegel se propõe muitas vezes trazer à tona e discutir precisamente as teses “metafísicas” assumidas.<sup>3</sup> Isso vale também para a psicologia empírica, de que o filósofo de Stuttgart parece chegar a formar para si uma concepção bastante precisa muito cedo, iniciando-a já nos anos de Tübingen.<sup>4</sup> Hegel se exprime quer sobre os aspectos mais propriamente ‘metódicos’ da disciplina (isto é, inerentes às modalidades operativas através das quais o psicólogo empírico constrói os seus conhecimentos), quer acerca dos aspectos mais propriamente ‘concernentes ao conteúdo’ (ou seja, a imagem que a partir da aplicação de tais coordenadas metodológicas ela nos fornece da atividade “cognitiva” do ser humano).

No que diz respeito ao método, ele se constitui a partir da noção de ‘observação’. A psicologia empírica, dirá Hegel na *Enciclopédia*, “se propõe ‘observar’ e ‘descrever’ as faculdades particulares do espírito” (*Enz*, § 378 Z, cursivo nosso). Como bem põe à luz Cinzia Ferrini, ‘observar’ e ‘descrever’ são dois termos técnicos: trata-se de palavras-chave na teoria e na prática científica da época, em que era difundida a ideia empirista de que o conhecimento pudesse pôr-se em movimento pelas simples observações dos fenômenos, separado de qualquer acréscimo de hipóteses e de qualquer elemento que não fosse a mera percepção sensível. Também a psicologia “empírica” se ressentia disso, e Hegel, pondo o acento sobre a observação, parece apontar o dedo para alguns elementos característicos da disciplina na época, que transpareciam por exemplo nas posições de Johann Nicolaus Tetens – cujas ideias, como se mostrou,<sup>5</sup> deviam ser conhecidas de Hegel desde os tempos de Tübingen. Nos seus *Philosophische Versuche über die menschliche Natur und Entwicklung* (1777), Tetens exortava a psicologia a abandonar quaisquer hipóteses, afirmando: “não hipóteses, mas observações

---

<sup>3</sup> Cf. ILLETTERATI, L. *Natura e Ragione. Sullo sviluppo dell’idea di Natura in Hegel*. Trento: Verifiche, 1995.

<sup>4</sup> Para uma consideração histórica da relação de Hegel com a psicologia empírica, cf. ANZALONE. *Alcune Riflessioni*, e WOLFF. *Das Körper-Seele-Problem*.

<sup>5</sup> Cf. ANZALONE. *Alcune Riflessioni*, p. 104.

(*Beobachtungen*) nos dão [a natureza] da alma.”<sup>6</sup> Esta forma de investigação psicológica (baseada em um empirismo de tipo fenomenista, que dava lugar a uma versão psicológica particular do *hypoteses non fingo* newtoniano) parece ser aquela que Hegel considera paradigmática para a disciplina.

A aplicação de tal procedimento dá lugar, segundo Hegel, a uma particular perspectiva sobre a alma, a qual resulta notoriamente composta por faculdades autônomas – separadas, ou pelo menos separáveis umas das outras – das quais o psicólogo empírico deve produzir um elenco completo. Se observada na sua estrutura lógica, tal concepção manifesta os caracteres descritos na seção *A coisa e as suas propriedades* da *Ciência da lógica*. A alma, como uma coisa (*Ding*), é descrita pela psicologia empírica como o substrato a que resultariam associadas diversas faculdades, as quais têm como resultado caracterizar a alma, todavia permanecendo desvinculadas umas das outras. Os efeitos de tais faculdades seriam aqueles observáveis empiricamente.

Assim se faz consistir a alma das assim chamadas faculdades da alma, cada uma das quais tem uma independência subsistente para si, ou seja, é para si uma atividade imediata operante segundo a sua determinidade. Representa-se assim que aqui opera para si o intelecto e aqui, porém, opera a imaginação, que se cultivam o intelecto, a memória etc. cada um para si, e que, entretanto, se deixam ficar inativas na mão esquerda as outras faculdades até que chegue a sua vez, ou talvez também não chegue. Na medida em que são repostas naquela *coisa* materialmente simples pela qual se toma a *alma* (*Seelending*) [...], as faculdades não são, para dizer a verdade, consideradas como matérias particulares, mas, tomadas como potências, são admitidas como entre elas [mesmas] indiferentes do mesmo modo que aquelas matérias (*SdL*, p. 558, cursivo nosso).<sup>7</sup>

Desta classificação enumerativa das faculdades mentais emerge, parece dizer-nos Hegel, uma imagem da mente constituída como um ‘agregado’ de faculdades simplesmente justapostas,

---

<sup>6</sup> TETENS, J. N. *Philosophische Versuche über die menschliche Natur und ihre Entwicklung*. Leipzig: Weidmann, 1777, p. 716. Cf. ainda ANZALONE. *Alcune Riflessioni*, que refere uma outra passagem interessante de Tetens a propósito. No prefácio aos *Versuche*, escreve Tetens que o “método *observativo*, seguido por Locke, pelo intelecto e por nossos psicólogos na psicologia empírica” é “o único que antes de mais nada nos mostra, assim como são realmente, os atos da alma e os vínculos que se interpõem entre eles e [...] que em seguida nos deixa estabelecer alguma coisa de certo [...] sobre a natureza da alma como sujeito das manifestações das forças observadas”. Para uma análise do modo em que as ideias de Tetens se distanciam da psicologia empírica tal como era entendida por Wolff, cf. ECKARDT, JOHN, VON ZANTWIJK, ZICHE. *Anthropologie und empirische Psychologie*.

<sup>7</sup> Veja-se a tal propósito ainda HALBIG, Ch. *Objektives Denken. Erkenntnistheorie und Philosophy of Mind in Hegels System*. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 2002, p. 95.

que operam de maneira independente umas das outras. Na terminologia hegeliana: a alma é um “isto” (*Dieses*), no qual são inseridos diversos elementos, tomados ao mesmo tempo por um “também” (*Auch*). Encontramos esta perspectiva expressa de maneira clara nas *Lições sobre a filosofia do espírito subjetivo*:

Se diz que o ser humano possui a imaginação, etc.; essas faculdades são postas assim umas ao lado das outras. Encontram-se [*man findet*] distintos modos de atividade, e esses são justapostos de modo tal que o único vínculo delas é o também [*das Auch*]. [...] O também [*das Auch*] que junta [ao mesmo tempo] deixa [separada] sempre a autonomia de cada atividade e a mútua indiferença entre elas. A alma aparece como uma conexão exterior [*äussere Band*] de todos esses tipos diferentes de potência e atividade. (VPG, p. 6, tradução ligeiramente modificada).

Trata-se, aliás, de uma perspectiva que Hegel parecia já ter de qualquer modo presente quando, em Tübingen, se confrontara pela primeira vez com a psicologia empírica, nas aulas de Flatt, e de que talvez se encontrem alguns traços também precedentemente, nos apontamentos que Hegel redige no liceu, depois de ter lido um volume de Campe intitulado *Kleine Seelenlehre für Kinder*.<sup>8</sup>

Aos olhos do filósofo de Stuttgart tal abordagem é, todavia, inteiramente insatisfatória, já que “o ‘isolamento’ das atividades faz [...] do espírito nada mais que um agregado, e se

---

<sup>8</sup> Em 1786, com a idade de dezesseis anos, Hegel redige apontamentos depois de ter lido o volume de Campe. Essas anotações (8 folhas ao todo) contêm uma descrição da alma sob a forma de uma lista de enunciados que dela enumeram as faculdades. Cada um de tais enunciados é introduzido (e ligado aos precedentes) pela conjunção “também”. Pode ser útil citar dela um extrato:

Unsere Seele ist ein einfaches Wesen...  
 Unsere Seele kann *auch* von vielen Dingen die Ursache und auch die Wirkung deutlich einsehen  
 Unsere Seele kann *auch* schliessen...  
 ...  
 Unsere Seele kann *auch* Dinge miteinander vergleichen...  
 Unsere Seele hat *auch* Gedächtniss...  
 Unsere Seele hat *auch* Empfindungen...  
 Unsere Seele hat *auch* Einbildungskraft...  
 Unsere Seele hat *auch* Phantasie...  
 Unsere Seele hat *auch* ein Vermögen, etwas zu verabscheuen...  
 Unsere Seele hat *auch* freien Willen...  
 Unsere Seele hat *auch* Instinkte... (GW, 3, pp. 102-104, cursivo nosso).

Tal descrição anafórica parece antecipar, de algum modo, aquele que anos mais tarde torna-se-á o dispositivo lógico-linguístico chamado *das Auch*, através do qual Hegel tematiza uma concepção da mente que é constituída por faculdades separáveis, “autônomas”, cada uma independente da outra, as quais fornecem contribuições isoladas à cognição.

considera a relação delas como uma relação exterior e contingente” (*Enz*, § 445 A; cf. ainda *Enz*, § 135 A). Considerada deste modo, disse o autor na *Introdução à Filosofia do espírito*, a alma “se reduz a um simples agregado de forças independentes” (*Enz*, § 378 Z).

Também esta famosa posição tinha já encontrado expressão em 1803, na *Relação do ceticismo com a filosofia*, em que Hegel afirma:

A psicologia empírica dispersa o espírito nas qualidades, e em meio a estas, portanto, não reencontra mais algum inteiro [...], porque ela ao contrário se representa o espírito como um saco pleno de muitas faculdades, de que [resulta que] cada uma é alguma coisa de particular; uma, uma razão sem intuição, separada da fantasia; a outra, uma fantasia privada de razão (*RSF*, p. 126).<sup>9</sup>

Estas são características mais conhecidas da posição hegeliana concernentes à psicologia empírica, especialmente em referência àqueles que chamamos os aspectos concernentes ao conteúdo da teoria. Vale a pena demorarmo-nos brevemente sobre a questão da gênese de tal concepção da alma, retornando à questão do método apontada pouco acima: como a psicologia empírica chega à formulação de tais teses? Qual método utiliza?

## 2. *Observar e descrever: A razão observadora na Fenomenologia do espírito*

A ideia de um método puramente observativo, que vimos professada por Tetens, é a chave para compreender a origem de tal concepção. Ela, todavia, não é apanágio da psicologia empírica sozinha, mas se reencontra em numerosos outros âmbitos do saber da época. Observação (*Beobachtung*), dissemos, era um termo técnico que representava um modo de operar e de compreender a pesquisa científica natural mais difundida. Uma atitude, a do “primado da observação sobre o experimento”, que Cinzia Ferrini pôs bem à luz:

Ecos de tal atitude se reencontram no uso das ciências do tempo. Em um dos manuais então mais difundidos, o *Grundriß der Naturlehre* de Gren (que Hegel possuía na edição de 1797), encontramos escrito que “a experiência é chamada uma observação (*Beobachtung oder Bemerkung (Observatio)*) quando deixamos as coisas no estado em que elas são encontradas sem a nossa atividade.”<sup>10</sup>

<sup>9</sup> Vejam-se também as considerações na *PhdG*, p. 239, onde Hegel utiliza a mesma imagem do “saco”.

<sup>10</sup> FERRINI, C. Osservazione, legge ed organismo nella Fenomenologia hegeliana. **Esercizi Filosofici**, 3, 2008, p. 2. Cf. ainda FERRINI, C. Hegel’s Confrontation with the Sciences in ‘Observing Reason’: Notes for a Discussion. **The**

Hegel, não só observador atento e leitor documentado, mas também protagonista do debate científico da época, é consciente do papel da observação, mas também das suas naturezas problemáticas.<sup>11</sup> A crítica à admissão desta atitude como base para conduzir a pesquisa científica em geral – não somente a psicologia empírica – advém sobretudo na seção dedicada à *Razão observadora* na *Fenomenologia*. Aí o tema do observar é o mínimo denominador comum para tratar uma série de disciplinas que, pelo contrário, no sistema, são enfrentadas em lugares diversos e distantes entre si.

Talvez seja útil focalizar a atenção sobre o quanto Hegel nos diz com respeito à aplicação de um (presumido) método puramente observativo nos outros âmbitos do saber, para entender alguns motivos de fundo da sua maneira de tratar a psicologia empírica. Nos concentraremos em particular sobre um só objetivo polêmico: a taxonomia de Linneu.

### 2.1. *Linneu, Goethe, Hegel: alguns argumentos*

Um dos objetivos polêmicos da seção fenomenológica, embora não o único, é o naturalista sueco Carl von Linné.<sup>12</sup> No centro do debate natural-científico da época, também Linneu fazia da observação um componente central da sua análise taxonômica, defendendo a ideia que ela fosse a base para a produção de um conhecimento científico da natureza. “O método de inspeção incidir-se-á sobre a forma, sobre a grandeza, sobre as diversas partes, sobre o número delas, sobre a posição delas, sobre a substância mesma da coisa”, escreve na sua *Filosofia botânica*; e a partir

---

**Owl of Minerva**, 55/56, 2007, pp. 1-22; FERRINI, C. Reason Observing Nature. In: Westphal, K. R. (ed.), **The Blackwell Guide to Hegel's Phenomenology of Spirit**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009, pp. 92-136.

<sup>11</sup> Ferrini. Osservazione, legge, acrescenta: “Nos textos de geologia e mineralogia, presentes na biblioteca privada de Hegel e no acervo da Sociedade de Mineralogia de Jena, de que Hegel era membro desde 1804, autores como Lasius, ou Brunner, entre o fim do século XVII e início do XIX, trazem como garantia da genuinidade dos seus resultados o considerar “somente aqueles aspectos que a natureza apresenta ao olho do observador”, ou, em caso de controvérsia sobre os critérios de classificação para os minerais, o recurso à “pura experiência”.

<sup>12</sup> Para uma introdução a Linneu, cf. HAGBERG, K. **Carl Linnaeus**. London: Jonathan Cape, 1952; SVENSON, H. K. On the descriptive method of Linnaeus. **Rhodora**, 47, 1945, pp. 273-302; 363-388. SVENSON, H. K. Linnaeus and the species problem. **Taxon**, 2, 1953, pp. 55-58. STEARN, W. T. The background of Linnaeus's contributions to the nomenclature and methods of systematic biology. **Systematic Zoology** 8, 1959, pp. 4-22; STEARN, W. T. Linnaean classification, nomenclature, and method. In: Blunt, W. (ed.), **The Compleat Naturalist**. London, 1971, pp. 242-252. CAIN, A. Logic and Memory in Linnaeus's system of taxonomy. **Proceeding of the Linnean Society of London**, 169, 1958, pp. 144-163; LARSON, J. L. **Reason and Experience: The Representation of Natural Order in the Work of Carl von Linné**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1971. STAFLEU, F. **Linnaeus and the Linnaeans**. Utrecht: International Association for Plant Taxonomy, 1971.

desta inspeção, através de um mecanismo de comparação, se chegava à famosa classificação e à subdivisão do reino botânico em ‘classes,’ ‘ordens,’ ‘gêneros’ e ‘espécies.’<sup>13</sup> Um dos pressupostos de base do pensamento de Linneu era que a observação e a sucessiva classificação taxonômica pudessem desencadear o conhecimento dos ‘gêneros,’ os quais eram ‘naturais.’ Tratava-se de coisas que estavam, por assim dizer, à disposição de qualquer um que tivesse tido capacidades observativas suficientes. Linneu mesmo escrevia que se podia aprender a “ler” os gêneros inscritos nas plantas, postos por Deus no livro do mundo natural.<sup>14</sup> Para dizer com Wellmon: “O taxonomista não criava os *gêneros*, mas lia-os simplesmente a partir da natureza.”<sup>15</sup>

A ideia que a imediatez sensível (para usar uma terminologia hegeliana) constituísse a base observativa a partir da qual se pode proceder a uma classificação conceitual que, aos olhos de Linneu, se limitava a “espelhar” a natureza, estava na base do seu sistema. Nos anos sucessivos à explosão da ciência taxonômica, todavia, esta ideia começou a entrar em crise, e o caráter ‘natural’ das classes de Linneu começou a ser posto em questão.<sup>16</sup> Entre os defensores da crítica a Linneu próximos a Hegel estava Goethe, que também tinha encontrado em Linneu a porta de ingresso para o estudo da natureza, e pelo menos inicialmente, o tinha louvado como um gênio.<sup>17</sup>

Goethe põe à luz de maneira paradigmática alguns problemas inerentes a esta perspectiva, e deles dá uma exposição mais detalhada nos seus escritos sobre a *Morfologia*, trazendo alguns argumentos não muito distantes daqueles de Hegel.

Em primeiro lugar, punha à luz a seletividade da observação de Linneu; a “inspeção” conduzida por Linneu não era inteiramente neutra, mas se concentrava seletivamente sobre algumas características dentre todas aquelas observáveis, ignorando outras delas. Em particular, a taxonomia era realizada a partir de quatro características próprias dos órgãos de frutificação da planta (número, forma, posição, proporções). Malgrado a insistência de Linneu sobre o fato que a

---

<sup>13</sup> “Todas as outras espécies do gênero são confrontadas com a primeira, olhando cuidadosamente todas as notas discordantes; por fim, depois desse trabalho, o caracter se produz”. LINNEU, C. **Crítica botânica**. Leiden: Wishoff 1737, p. 192. São interessantes (e de algum modo muito hegelianas no espírito) as considerações sobre o valor da observação de FOUCAULT, M. **Le parole e le cose**. Milano: BUR, 1998, p. 206. Não é este o lugar de aprofundar os mecanismos taxonômicos. Para uma análise detalhada do modo como este uso resulta de uma particular interpretação e variação de significado da lógica escolástica, cf. CAIN, *Logic and Memory in Linnaeus’s system*.

<sup>14</sup> Cf. MAYR, E. **The Growth of Biological Thought**. Cambridge Mass., Harvard UP 1985, p. 175.

<sup>15</sup> WELLMON, C. Goethe’s Morphology of Knowledge, or the Overgrowth of Nomenclature. **Goethe Yearbook**, 17, 2010, pp. 153-177, p. 160.

<sup>16</sup> Cf. MAYR. The Growth, para uma contextualização.

<sup>17</sup> Cf. LARSON, J. L., “Goethe and Linnaeus”, **Journal of the History of Ideas**, n. 28/5, p. 592.

apreensão destes caracteres fosse “óbvia”, a observação era certamente guiada, e o propósito de permanecer totalmente fiel à natureza, chama a atenção Goethe, não era totalmente considerado. A atenção para um específico caráter do ente a classificar, em detrimento de outros, tornava a taxonomia resultante mais “artificial” (e arbitrária) do que Linneu julgava.

Um outro aspecto do procedimento linneano que por diversas razões resultava crítico, era a fixidez das “categorias” usadas por Linneu. Goethe insistia sobre o fato que a possibilidade de classificar um certo tipo de vegetal com este método pressupunha a sua identidade morfológica no tempo, ou seja, que as partes que determinavam a sua inserção em uma determinada “classe” não mudassem. A planta, porém, notava Goethe, muda sua conformação no curso do seu desenvolvimento, e isso vale também para aquelas partes sobre as quais devia basear-se a classificação: o caule curvo se tornava lentamente “bifurcado”, as folhas mudavam forma e dimensões. Por vezes resulta até difícil distinguir os diversos órgãos, enquadrando a planta em um determinado posto do arquivo de Linneu. O método observativo, que não levava em conta o caráter temporal do desenvolvimento da planta, por conseguinte manifestava as suas fraquezas. Para dizê-la com Wellmon: um método mais adequado, segundo Goethe, “requeria que os conceitos do observador se tornassem dinâmicos como era a natureza.”<sup>18</sup> A fluidificação das categorias e a admissão de uma perspectiva que levasse em conta o tempo estavam na base das propostas do próprio Goethe.

Além disso, Goethe era consciente das dificuldades encontradas pela taxonomia em seguida à multiplicação exponencial das observações operadas por Linneu mesmo e por seus discípulos, graças também à “rede mundial de botânicos, profissionais e amadores” com que Linneu estava em contato e trocava exemplares e sementes.<sup>19</sup> Esta rede tinha levado a uma multiplicação das espécies, visível nas várias edições do *Systema naturae*. A primeira continha 549 espécies, a décima 4387, a décima primeira 5897 e a última mais de 7000 (com o consequente aumento de páginas), com um restabelecimento do sistema a cada nova inserção.

---

<sup>18</sup> WELLMON. Goethe's Morphology, p. 162.

<sup>19</sup> Veja-se a propósito MÜLLER-WILLE, S. Linnaeus's herbarium cabinetia: A Piece of Furniture and Its Function. *Endeavour*, 30, p. 63. Esses botânicos incluíam: Johann Jacob Dillen em Oxford, Antoine e Bernard Jussieu em Paris, Adriaan van Royen em Leiden, Albrecht von Haller em Göttingen, e Johann Georg Gmelin em São Petersburgo.

### 3. Hegel, observação e descrição

Lendo a seção sobre a *Razão observadora*, não é difícil ouvir o eco de alguns destes argumentos, mesmo se a influência de Goethe não é certamente a única a agir sobre Hegel.<sup>20</sup>

Todavia, também Hegel aponta o dedo para o caráter seletivo da observação: ela, nos diz ele, “privilegia os caracteres com base nos quais as coisas-objeto são *conhecidas* relativamente ao restante complexo das propriedades sensíveis” (*PhdG*, pp. 67-8). Em realidade, portanto, ela opera uma distinção entre “um essencial e um inessencial” (*ibid.*) não inteiramente neutra.

Em segundo lugar, também Hegel parece sublinhar a dificuldade em estabelecer qual fosse a ‘prioridade’ a atribuir às características e para a classificação – um problema que se fazia premente sobretudo em caso de co-presença de propriedades específicas e incompatíveis entre si. Se dão como exemplo alguns casos particulares: “há [...] animais de terra que possuem as características essenciais de um pássaro, ou aquelas próprias do peixe” (*PhdG*, p. 176). Outras vezes – Hegel insistirá na *Enciclopedia* – “se admite que um [...] caráter comum deveria existir necessariamente [...], por ex. as barbatanas, e se não o encontra, torna difícil fazer as classificações” (*Enz*, § 368 Z).<sup>21</sup>

O acúmulo de dados e a impossibilidade de sistematizá-los, unida às criticidades conceituais da ciência taxônomica, leva a uma *impasse*. Disso, Hegel parece estar bem consciente. Como nota Bach, ele intui quer os perigos ligados a tal classificação, quer as consequências que o método tinha historicamente produzido, por isso afirma que a tentativa de levar ordem ao reino caótico de animais e plantas através da observação, da inspeção e da

---

<sup>20</sup> “À época, os trabalhos sobre a classificação do reino vegetal e animal estavam corroendo a potência da sistemática linneana, dando lugar a um proliferar de tentativas alternativas, amplamente relatadas pelos manuais”, FERRINI. *Osservazione, legge*, p. 5. Cf. ainda HARRIS, H. S. *Hegel’s Ladder*. 2 vols. Indianapolis: Hackett, 1997, vol. I, p. 512. Cf. FERRINI, *Hegel’s Confrontation with the Sciences*; FERRINI, *Reason Observing Nature*, BACH, T. ‘Aber die organische Natur hat keine Geschichte...’. Hegel und die Naturgeschichte seiner Zeit. In: Beuthan, R. (Ed.). *Geschichtlichkeit der Vernunft beim Jenaer Hegel*. Heidelberg: Winter, 2006, pp. 57-80, para o contexto em que se insere a seção fenomenológica e as suas referências às ciências naturais da época.

<sup>21</sup> O exemplo enciclopédico se encontra em um parágrafo em que Hegel discute acerca do ‘gênero’ e critica a sua recuperação mediante a classificação: “no estudo seguinte da classificação dos animais se procede pesquisando o elemento comum a que as formações concretas são reduzidas [...]. Mas não há tais determinações de fato. Tome-se, por ex., a representação universal ‘peixe’ [...] e se ponha agora a pergunta qual é a determinação simples nos peixes, a sua propriedade objetiva. Se a resposta é: ‘nadar na água’, é insuficiente porque há também um grande número de animais terrestres que nadam. [...] Na medida em que se admite que um tal caráter comum deveria existir necessariamente [...], por ex. as barbatanas, e se não o encontra, torna difícil fazer as classificações”, *Enz*, § 368 Z.

catalogação, naufraga no seu oposto: as riquezas de tal domínio, dada a incapacidade de uma classificação adequada, “constrangem ao silêncio a universalidade”, à qual o nosso observar julgava ter-se elevado, e “o reduzem a um *observar* e um *descrever* privado de pensamento” (*PhdG*, p. 170, cursivo nosso).<sup>22</sup>

### 3.1. *Psicologia empírica, psicologia observadora*

Estas críticas à ideia de “observação” e classificação tal como se apresenta nas ciências naturais, em particular na botânica, encontram um eco também naquilo que Hegel nos diz a propósito do método de investigação da psicologia empírica, que em parte compartilha semelhantes asserções. O psicólogo empírico, semelhante a um Linneu da psique, movendo-se a partir da exigência de mera observação, adota um procedimento particular. Esse é descrito por Hegel como um tipo de investigação que parte da observação direta dos fenômenos, precisamente, reagrupando em seguida, mediante um procedimento de generalização, as atividades mentais humanas sobre a base de suas características, associando-as em classes, que são em seguida denominadas como faculdades singulares, de que se produz assim uma ‘lista’ (*Enz*, § 378 A). No *Fragmento sobre a filosofia do espírito subjetivo*, de maneira talvez mais explícita, Hegel escreve que a psicologia empírica “seleciona as aparências em *classes gerais*, as descreve chamando-as poderes psíquicos, faculdades etc., e considera o espírito segundo as *particularidades* em que tal procedimento o dissecar. O espírito é, portanto, apresentado como uma *coleção* ou um *agregado* de tais faculdades” (*FSS*, p. 93, primeiro cursivo nosso).<sup>23</sup>

Nesta última passagem vemos o uso da palavra ‘classe,’ ligada à prática taxonômica, e nas linhas sucessivas encontramos algumas considerações acerca da noção de observação, e do papel correto que essa deve jogar.

Também na *Fenomenologia*, de outra parte, poucas páginas depois de ter discutido a metodologia classificatória, Hegel parece sustentar este conceito, embora o faça quase de

---

<sup>22</sup> “O observar, que tinha ordenadamente distinguido tais diferenças e essencialidades, e acreditava ter nelas alguma coisa de firme, vê que a um princípio chegam a se sobrepôr outros, assiste ao formar-se de interferências e desordens, e em tudo isso vê conjuntamente aquilo que antes tomara por absolutamente separado, e separado isso que considerava unido” (*PhdG*, p. 169).

<sup>23</sup> É interessante o fato que nesse lugar Hegel anote à margem: “*trivial – Campe Seelenlehre für Kindern*”.

passagem. Nos diz, com efeito, que “a psicologia observadora, que enuncia antes as próprias percepções dos *modos universais* que se lhe apresentam na consciência ativa, recupera assim faculdades, inclinações e paixões de diversas espécies” e procede em seguida a “recapitular [*bei der Hererzählung*] desta coleção” (*PhdG*, p. 205).

A compreensão hegeliana deste tipo de investigação classificatória do mental parece ser construída, pelo menos em parte, tendo em mente a análise de Linneu. O paralelo parece legitimado pela comparação que Hegel faz nas linhas sucessivas. Criticando tal abordagem, escreve expressamente, que “colher e narrar (*Erzählen*)” as atividades do espírito deste modo (o da psicologia observadora), “é até menos interessante do que a *enumeração* das *espécies* de insetos, de musgos etc.” (*ibid.*, cursivo nosso).

Mesmo reconhecendo um papel central à observação (*Beobachtung*) na análise do espiritual, Hegel parece rejeitar o procedimento típico da taxonomia linneana, especialmente no que concerne à análise do mental. Sugere, ao contrário, olhar a alma de maneira, poderíamos dizer, mais goethiana, analisando a “formação” (*Bildung*) e o desenvolvimento das várias atividades, e também tematizar a sua “conexão harmônica”.

Todo conhecimento subjetivo começa a partir das percepções e observações (*Beobachtungen*), e o conhecimento dos fenômenos é de enorme importância, [...] mas tanto para a ciência quanto imediatamente também para um objeto, como é o espírito, é requerido alguma coisa de completamente diferente da *descrição* de uma série de faculdades e da exposição delas como uma multidão inorgânica (*FSS*, p. 93).

#### *Excursão: O papel da memória (Gedächtnis)*

No interior desta crítica aos procedimentos baseados na observação, encontramos também uma noção à primeira vista distante: a noção de memória (*Gedächtnis*), sobre a qual vale a pena dizer alguma palavra conclusiva. “Memória” parece ser um conceito associado aos procedimentos de percepção, catalogação e criação de taxonomias. A conexão do procedimento taxonômico (e da história natural em geral) com as operações da memória parece de algum modo ser difundida na época. Linneu repete por diversas vezes que o botânico (mas também o zoólogo)

deve conhecer os gêneros e manter os nomes na memória.<sup>24</sup> A tal propósito, em seu livro sobre o desaparecimento da noção de *Naturgeschichte*, Wolf Lepenies observa:

O conhecimento e a memória dos nomes é uma pré-condição do pensamento *histórico natural: nomina si nescis, perit et cognition rerum*, se lê no § 211 da *Filosofia Botânica* de Linneu. A característica do procedimento classificatório da história natural, enquanto arte da memória (*Gedächtniskunste*) ou ciência da memória (*Gedächtniswissenschaft*) (Novalis) remete à sua proximidade com a história pré-moderna, que Koselleck chamou história do espaço.<sup>25</sup>

Bach recorda como já Kant, quando fala de *Gedächtnis* na sua *Antropologia*, evoca a *Naturgeschichte* de Linneu, associando-a a um procedimento quase-mnemônico de classificação.<sup>26</sup> Ao descrever a forma de memória que chama ‘memória judiciosa,’ Kant afirma que ela “não é mais nada que aquela própria de uma tábua de *subdivisão* de um sistema (por exemplo, aquele de Linneu) em pensamentos” (A, § 34).

Também Goethe, ao tratar de Linneu, pinta o processo de catalogação posto em ato pelo botânico de inspiração linneana como um (mero) exercício de memória:

*Ein solcher sollte nun eine fertige Terminologie ins Gedächtnis aufnehmen, eine gewisse Anzahl Wörter und Beiwörter bereit haben, damit er, wenn ihm irgendeine Gestalt vorkäme, eine geschickte Auswahl treffend, sie zu charakteristischer Bezeichnung anzuwenden und zu ordnen wisse. (Morphologie, 477).*

Também Hegel, na seção sobre a *Razão observadora* na *Fenomenologia*, parece usar a noção de *Gedächtnis* de maneira análoga, como habilidade de manter na mente e ordenar em classes uma quantidade de informações provenientes dos sentidos. A consciência que opera taxonomias tem uma relação particular com o seu objeto:

Mesmo não sendo ainda compreensão intelectual dele, deve ser pelo menos a *memória* [*Gedächtnis*], a qual exprime de modo universal aquilo que na realidade efetiva se dá somente de modo singular (*PhdG*, p. 167, cursivo nosso).

<sup>24</sup> Cf. Linneu, LINNEU. **Crítica botânica**, aforismos 213, 218, 251; LINNEU, Carlus. **Philosophia botanica**. Vienna: Trattner, 1770, p. 256. Também a escolha dos nomes dos gêneros dependia da possibilidade de tê-los facilmente na cabeça. Cf. CAIN, Logic and Memory in Linnaeus’s system, pp. 156-7.

<sup>25</sup> LEPENIES, W. **Das Ende der Naturgeschichte. Wandel kultureller Selbstverständlichkeiten in den Wissenschaften des 18. und 19. Jahrhunderts**. Frankfurt: Suhrkamp, 1978, p. 34.

<sup>26</sup> BACH. *Aber die organische Natur*, p. 70.

Se plasma assim uma noção de memória coligada à ideia da catalogação e à retenção dos nomes que jogará um papel central no sistema hegeliano.

### *Conclusão*

Neste artigo busquei resumir algumas teses hegelianas sobre a psicologia empírica, em seguida procurei lançar luz sobre a crítica à noção de “observação” tal como se articula no campo da botânica linneana, a qual ajuda pôr à luz o tipo de dinâmicas que Hegel vê em operação na investigação empírica da alma. Procurei mostrar a plausibilidade de um paralelo entre a análise e as críticas formuladas por Hegel à investigação observativa em campo botânico e àquela em campo psicológico.

Em conclusão, busquei mostrar como em tal crítica se plasma também um significado particular para a noção de *Gedächtnis*. Se o psicólogo empirista é um Linneu da psique e baseia as suas análises na *Gedächtnis*, Hegel sugerirá um tipo diferente de análise da alma e, mais em geral, do espírito, baseada numa concepção alternativa da memória: *Erinnerung*.<sup>27</sup>

*Luca Corti*  
*Internationales Zentrum für Philosophie NRW*  
*Institut für Philosophie*  
*Poppelsdorfer Allee 28*  
*53115 Bonn*  
*Deutschland*

*lcorti@uni-bonn.de*

---

<sup>27</sup> Veja-se a tal propósito NUZZO, A. **Memory, History, Justice in Hegel**. New York: Palgrave, 2012; RICCI, V.; SANGUINETTI, F. **Hegel on Recollection. Essays on the Concept of *Erinnerung***. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2013; CORTI, L. **Pensare l'esperienza. Una lettura dell' "Antropologia" di Hegel**. Bologna: Pendragon.

**Bibliografia**

G. F. W. HEGEL

- Enz* **Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1830)**. In: **Werke**, voll. 8–10. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1970.
- GW* **Gesammelte Werke**, herausgegeben in Verbindung mit der Hegel-Kommission von der Rheinisch-Westfälischen Akademie der Wissenschaften und dem Hegel-Archiv der Ruhr-Universität Bochum. Hamburg: Meiner, 1968.
- PhdG* **La fenomenologia dello spirito**. Trad. It. G. Garelli. Torino: Einaudi 2008. [Phänomenologie des Geistes. *GW*, vol. 9. Bonsiepen, W.; Heede, R. (Eds.). Hamburg: Meiner, 1980].
- RSF* **Rapporto dello scetticismo con la filosofia**. Trad. it. N. Merker. Bari: Laterza, 1970. [Verhältniss des Skeptizismus zur Philosophie, in Aufsätze aus dem Kritischen Journal und andere Schriften aus der Jenenser Zeit. In: **Sämtliche Werke**, vol. 1. Glockner, H. (Ed.). Stuttgart: Frommann-Holzboog, 1927-40].
- SL* **Scienza della logica**. Trad. it. A. Moni. Roma-Bari: Laterza, 1999 [Wissenschaft der Logik. *GW*, vols. 11, 12, 21. Hogemann, F.; Jaeschke W. (Eds.). Hamburg: Meiner, 1978-85].
- Vorl.* **Vorlesungen: ausgewählte Nachschriften und Manuskripte**. Hamburg: Meiner, 1983 ss.
- VPG* **Vorlesungen über die Philosophie des Geistes**. *Vorl.*, vol. 13. Hesse F.; Tuschling, B. (Eds.). Hamburg: Meiner, 1994.

I. KANT

- A* **Antropologia dal punto di vista pragmatico**. Trad. it. G. Garelli. Torino: Einaudi, 2008. [Anthropologie in pragmatischer Hinsicht. Külpe, O. (Ed.). In: **Immanuel Kants gesammelte Schriften**, vol. 7. Berlin: Reimer, 1907].

ANZALONE, Mariafilomena. Alcune riflessioni sulla psicologia di Hegel, **Laboratorio dell'ISPF**, IX, vol. 1/2, 2012, pp. 100-116.

BACH, Thomas. 'Aber die organische Natur hat keine Geschichte...'. Hegel und die Naturgeschichte seiner Zeit. In: Beuthan, R. (Ed.). **Geschichtlichkeit der Vernunft beim Jenaer Hegel**. Heidelberg: Winter, 2006, pp. 57-80.

CAIN, Arthur. Logic and memory in Linnaeus's system of taxonomy. **Proceeding of the Linnean Society of London**, 169, 1958, pp. 144-163.

CORTI, Luca. **Pensare l'esperienza. Una lettura dell' "Antropologia" di Hegel**. Bologna: Pendragon.

ECKARDT, Georg, JOHN, Mathias, VON ZANTWIJK, Temilo, ZICHE, Paul. **Anthropologie und empirische Psychologie um 1800. Die Wissenschaft vom Menschen zwischen Physiologie und Philosophie**. Köln: Böhlau Verlag, 2001.

FERRINI, Cinzia. Hegel's Confrontation with the Sciences in 'Observing Reason': Notes for a Discussion. **The Owl of Minerva**, 55/56, 2007, pp. 1-22.

FERRINI, Cinzia. Osservazione, legge ed organismo nella Fenomenologia hegeliana. **Esercizi Filosofici**, 3, 2008, pp. 1-8.

FERRINI, Cinzia. Reason Observing Nature. In: Westphal, K. R. (ed.), **The Blackwell Guide to Hegel's Phenomenology of Spirit**, Oxford: Wiley-Blackwell, 2009, pp. 92-136.

FOUCAULT, Michel. **Le parole e le cose**. Milano: BUR, 1998.

HAGBERG, Knut. **Carl Linnaeus**. London: Jonathan Cape, 1952.

HALBIG, Christoph. **Objektives Denken. Erkenntnistheorie und Philosophy of Mind in Hegels System.** Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 2002.

HARRIS, Henry Siltou. **Hegel's Ladder.** 2 vols. Indianapolis: Hackett, 1997.

ILLETTERATI, Luca. **Natura e Ragione. Sullo sviluppo dell'idea di Natura in Hegel.** Trento: Verifiche, 1995.

JOHN, Mathias. 'Empirische Psychologie' im System der Wissenschaften um 1800. **Psychologie und Geschichte**, n. 10-3/4, 2002, pp. 166-177.

LARSON, James L. **Reason and Experience: The Representation of Natural Order in the Work of Carl von Linné.** Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1971.

LARSON, James L., Goethe and Linnaeus, **Journal of the History of Ideas**, n. 28/5, pp. 590-596.

LEPENIES, Wolf. **Das Ende der Naturgeschichte. Wandel kultureller Selbstverständlichkeiten in den Wissenschaften des 18. und 19. Jahrhunderts.** Frankfurt: Suhrkamp, 1978.

LINNEU, Carlus. **Philosophia botanica.** Vienna: Trattner, 1770.

LINNEU, Carlus. **Critica botanica.** Leiden: Wishoff, 1737.

MAYR, Ernst. **The Growth of Biological Thought.** Cambridge Mass., Harvard UP 1985.

MÜLLER-WILLE, Staffan. Linnaeus's herbarium cabinetia: A Piece of Furniture and Its Function. **Endeavour**, 30, 2002, pp. 60-64.

NUZZO, Angelica. **Memory, History, Justice in Hegel**. New York: Palgrave, 2012.

NUZZO, Angelica. Anthropology, Geist and the Soul-Body Problem. The systematic Beginning of Hegel's Philosophy of Spirit. In: Stern, D. **Essays on Hegel's Philosophy of Subjective Spirit**. New York: Suny Press, 2013, pp. 19-36.

RICCI, Valentina; SANGUINETTI, Federico. **Hegel on Recollection. Essays on the Concept of Erinnerung**. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2013.

SÖRLIN, Sverker. Ordering the world for Europe: science as intelligence and information as seen from the northern periphery. In: MacLeod, R. (ed.). **Nature and Empire: Science and the Colonial Enterprise**. Chicago, IL: University of Chicago Press, 2000, pp. 51-69.

STAFLEU, Frans. **Linnaeus and the Linnaeans**. Utrecht: International Association for Plant Taxonomy, 1971.

STEARNS, William T. The background of Linnaeus's contributions to the nomenclature and methods of systematic biology. **Systematic Zoology** 8, 1959, pp. 4-22.

STEARNS, William T. Linnaean classification, nomenclature, and method. In: Blunt, W. (ed.), **The Compleat Naturalist**. London, 1971, pp. 242-252.

STERN, David. **Essays on Hegel's Philosophy of Subjective Spirit**. New York: Suny Press, 2013.

SVENSON, Henry K. On the descriptive method of Linnaeus. **Rhodora**, 47, 1945, pp. 273-302; 363-388.

SVENSON, Henry K. Linnaeus and the species problem. **Taxon**, 2, 1953, pp. 55-58.

TETENS, Johannes N. **Philosophische Versuche über die menschliche Natur und ihre Entwicklung**. Leipzig: Weidmann, 1777.

TETENS, Johannes N. **Saggi filosofici sulla natura umana e sul suo sviluppo**. Trad. de R. Ciafardone. Torino: Bompiani, 2008.

WELLMON, Chad. Goethe's Morphology of Knowledge, or the Overgrowth of Nomenclature. **Goethe Yearbook**, 17, 2010, pp. 153-177.

WOLFF, Michael. **Das Körper-Seele-Problem: Kommentar zu Hegel, Enzyklopädie (1830) § 389**. Frankfurt am Main: Klostermann, 1991.